

Comparação do nível de medo da morte entre estudantes e profissionais de enfermagem no México

Edna Johana Mondragón-Sánchez¹
Erika Alejandra Torre Cordero²
María de Lourdes Morales Espinoza³
Erick Alberto Landeros-Olvera⁴

Objetivo: comparar o nível de medo da morte em estudantes e profissionais de enfermagem. **Método:** comparativo-transversal. Os participantes eram 643 estudantes e profissionais de Enfermagem de uma instituição de terceiro nível. Amostragem aleatória, a amostra foi calculada pela análise de potência. O estudo foi desenvolvido durante três etapas: a primeira etapa foi a aplicação de um teste piloto, a segunda etapa incluiu o recrutamento dos participantes e, na terceira etapa, foi aplicada a Escala de Medo da Morte Collett-Lester. **Resultados:** a média de medo da morte foi moderada-alta ($\bar{X}=3,19\pm 0,55$). A pontuação mais alta foi do medo da morte de outros ($\bar{X}=3,52\pm 0,20$). A percepção do medo da morte foi diferente entre os estudantes dos três primeiros anos ($p<,05$). Os estudantes do 1o e do 4o ano e os profissionais não mostraram diferenças ($p>,05$). **Conclusões:** possivelmente, os estudantes do 1o ano percebem um menor medo da morte porque não tiveram a experiência da prática hospitalar. Os estudantes do 2o e do 3o ano têm maior medo da morte porque já cuidaram de pacientes terminais. Aparentemente, conforme o tempo passa (estudantes do 4o ano e profissionais), adquire-se mais confiança e o medo da morte diminui ($p<,05$).

Descritores: Medo; Morte; Enfermagem.

¹ Mestranda, Facultad de Enfermería, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, Puebla, México.

² Enfermeira, Hospital Universitario, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, Puebla, México.

³ MSc, Professor, Facultad de Enfermería, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, Puebla, México.

⁴ PhD, Professor, Facultad de Enfermería, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, Puebla, México.

Introdução

Falar sobre a morte implica necessariamente em falar sobre a vida; um homem começa o processo de morrer a partir do momento em que nasce; os processos de vida e morte estão integrados em um ritmo universal; a vida é um impulso, é o motor que nos mantém em movimento, e é essa condição que permite a ação e a interação⁽¹⁾.

Morte e morrer são preocupações que oprimem profundamente o indivíduo por estarem enraizadas na vida humana. Por isso, pensar na morte, em alguns lugares, pode ser motivo de reflexão, mas também pode gerar medo; ocorre que, na cultura Mexicana, a crença é frequentar a morte, ridicularizá-la, afagá-la, dormir com ela e festejá-la, ela é um de seus brinquedos favoritos e seu amor mais duradouro⁽²⁾. Da mesma maneira, sempre que se fala da morte, as pessoas acabam fugindo da conversa, chegam até mesmo a classificá-la como um evento externo, impessoal e distante; mesmo não querendo, são colocadas barreiras protetoras para não enfrentá-la⁽¹⁾. Preparar-se para viver a própria morte e a dos outros com sensibilidade humana, no âmbito de cuidados na disciplina de enfermagem, é um tema tabu trabalhado em unidades onde a morte está presente, pode ser motivo de reflexão, e de fato é, e também de medo e angústia frente à preocupação sobre o término e ainda a fragilidade da vida humana.

A morte de um doente em um serviço de cuidados, seja na emergência, na unidade de cuidados intensivos ou na clínica geral - para mencionar alguns - é vista por profissionais de enfermagem como uma falha, por isso, muitos profissionais rezam "*para que não morra no meu turno*" e com isso aliviar medos, preocupações, sofrimento, dor, alegrias, tristezas e sensações de falha na prática da enfermagem⁽¹⁾. Inclusive, a enfermeira mexicana zomba de sua colega chamando-a de "*azarada*", que significa que em seu turno de trabalho frequentemente seus pacientes "*vão morrer*". O profissional de enfermagem é aquele que deve resolver seus próprios medos, crenças e convicções frente à morte, -dado que fazem parte dos cuidados de enfermagem-, alguns têm que lutar internamente contra a sensação de fracasso que causa isso e todos têm que viver ou experimentar a sensação de ver seus pacientes morrerem, e em muita ocasiões, têm de enfrentá-la com conhecimentos psicológicos limitados, pouco apoio institucional e desconhecimento de técnicas e estratégias terapêuticas de enfrentamento e autoajuda que deveriam ter adquirido em sua formação profissional.

Em outro sentido, o ideal é que os currículos de programas de enfermagem tenham unidades de aprendizado que se refiram ao manejo da própria morte e da morte de outros, o que faria profissionais mais eficientes. Portanto, é importante conhecer o medo que os estudantes e profissionais de enfermagem têm da morte, e dessa maneira contribuir para compreender como estão sendo preparados para realmente assistir, entender, acompanhar, ajudar e cuidar de qualquer ser humano nos difíceis momentos que antecedem a própria morte e a de outras pessoas. Portanto, o uso da Escala de Medo da Morte de Collet-Lester (EMMCL) na versão adaptada para o espanhol parece ser ideal, dado que proporciona informações multidimensionais sobre o medo da própria morte, do próprio processo de morrer, da morte de outros e do processo de morrer de outros.

A literatura a respeito desse fenômeno mostra que a pontuação média do medo da morte em estudantes de enfermagem espanhóis e chilenos é moderada-alta, ou seja, o que os estudantes menos temem é a própria morte e a pontuação mais alta correspondeu ao medo da morte de outros⁽³⁻⁸⁾. Fora desses países latino-americanos, o nível de medo da morte em estudantes de enfermagem é desconhecido e em nenhum outro relatório publicado é conhecida a percepção dos profissionais fazendo comparações das médias entre ambos os grupos. Por essa razão e com base em evidências publicadas, o propósito deste estudo foi comparar o nível de medo da morte em estudantes e profissionais de enfermagem no México e fazer comparações estatísticas por nível acadêmico.

Método

Delineamento descritivo, comparativo e transversal, os participantes eram estudantes de enfermagem da Benemérita Universidade Autónoma de Puebla (México) e profissionais de enfermagem de uma instituição de terceiro nível. Amostragem aleatória, o tamanho da amostra foi calculado através da análise de potência a .99; tamanho de efeito de 0.25 e nível de significância .05, obtendo n = 589. Para atenuar o efeito de atrição⁽⁵⁾, foi adicionado 10%, sendo n = 643.

O estudo foi desenvolvido durante três etapas: a primeira etapa foi a aplicação de um teste piloto a 30 participantes, que foi realizada para testar não só o instrumento, mas também as condições de aplicação e os procedimentos envolvidos e poder eliminar possíveis variáveis confundidoras. A segunda etapa incluiu o

recrutamento de 786 estudantes e 142 graduados em enfermagem; a seleção da amostra foi feita com a técnica aleatória simples. Para a terceira etapa, a Escala de Medo da Morte Collet-Lester foi aplicada à amostra final de 643 participantes composta por estudantes do primeiro, segundo, terceiro e quarto ano de enfermagem vs. graduados em enfermagem do departamento de emergência, da UTI de adultos e neonatal, do centro cirúrgico, do departamento de medicina interna, do departamento de hospitalização, e das unidades de maternidade e pediatria de uma instituição de terceiro nível, sempre com consentimento informado prévio.

Instrumento

A Escala de Medo da Morte Collet-Lester (EMMCL), na versão adaptada para o espanhol⁽³⁾, é um instrumento multidimensional autoadministrado que contém um total de 28 itens e quatro dimensões (7 itens para cada uma): a) medo da própria morte; b) medo do próprio processo de morrer; c) medo da morte de outros; e d) medo do processo de morrer de outros. As opções de resposta são do tipo Likert de 1 (nada) a 5 (muito). Obtém-se uma pontuação total e uma para cada subdimensão, que são divididas por 28, que é o número médio de itens das respectivas respostas. De acordo com as pontuações, elas são classificadas como: baixo medo da morte (0-1), medo moderadamente baixo da morte (1-2), medo moderado da morte (2-3), medo moderadamente alto da morte (3-4) e alto medo da morte (4-5); as pontuações médias mais altas indicam um maior medo da morte ou do processo de morrer.

Considerações éticas

Este estudo foi conduzido de acordo com as disposições da Lei Geral de Saúde do México⁽⁶⁾. Ele recebeu o parecer favorável da Secretaria de Pesquisa da

Faculdade de Enfermagem da Benemérita Universidade Autónoma de Puebla sob o registro A-2012-0039-CIP.

Plano de análise estatística

Foi obtida uma análise descritiva da amostra do estudo e das dimensões da escala. A medição da confiabilidade da escala foi feita através do coeficiente alfa de Cronbach. Além disso, os dados foram submetidos ao teste de Kolmogorov-Smirnov; foram obtidas pontuações totais que foram separadas por ano acadêmico para permitir a comparação de grupos independentes (1º, 2º, 3º, 4º ano da licenciatura em enfermagem e profissionais de enfermagem). Os resultados dessa estatística mostraram um valor de $Z=,944$ e um valor de $p =,335$, valores que mostram uma distribuição normal, razão pela qual decidiu-se utilizar uma análise de variância (ANOVA) para fazer as comparações estatísticas.

Hipótese do estudo

Se o nível de medo da morte é associado de acordo com a formação acadêmica e as experiências vividas por estudantes e profissionais, *então* ao fazer a comparação por nível acadêmico entre estudantes e profissionais, serão mostradas as diferenças de acordo com o nível de medo da morte.

Resultados

A amostra era composta por 643 participantes, 558 mulheres (91%). A média de idade foi de 22.8 ± 3 , variando de 18-55 anos. De acordo com o ano acadêmico de enfermagem, 88 participantes são estudantes do primeiro ano (13,68%), 139 são estudantes do segundo ano (21,61%), 176 são estudantes do terceiro ano (27,31%), 139 participantes são estudantes do quarto ano (21,61%) e 100 são profissionais de enfermagem qualificados (15,55%).

Tabela 1 - Características estatísticas descritivas da Escala de Medo da Morte Collett-Lester (EMMCL), Puebla, México, 2013 (n=643)

	MPM*	MPPM†	MMO‡	MPMO§	Média Geral
Média	2,71	3,21	3,52	3,28	3,19
Desvio padrão	0,14	0,19	0,20	0,24	1,41
Valor mínimo	2,57	2,88	3,23	2,87	1,85
Valor máximo	3,93	3,40	3,76	3,76	4,69

*Medo da Própria Morte (MPM)

†Medo do Próprio Processo de Morrer (MPPM)

‡Medo da Morte de Outros (MMO)

§Medo do Processo de Morrer de Outros (MPMO)

A pontuação média de medo da morte na amostra geral foi moderada-alta ($\bar{X}=3,19 \pm 0,55$). O que os participantes menos temiam era a própria morte ($\bar{X}=2,71 \pm 0,14$). A pontuação mais alta por dimensão correspondeu ao medo da morte de outros ($\bar{X}=3,52 \pm 0,20$). As médias de todas as dimensões são mostradas na Tabela 1.

A Tabela 2 mostra os alfas por dimensões e a escala geral com um valor aceitável ($>,70$)⁽⁵⁾.

Tabela 2 - Coeficiente alfa de Cronbach geral e dimensões da Escala de Medo da Morte Collett-Lester (EMMCL), Puebla, México, 2013

Dimensão	Alfa
Medo da Própria Morte	0,85
Medo do Próprio Processo de Morrer	0,85
Medo da Morte de Outros	0,86
Medo do Processo de Morrer de Outros	0,88
Alfa Geral	0,86

Análise de variância (ANOVA)

As etapas conduzidas na ANOVA foram: descrever cada um dos grupos a serem comparados, realizar a análise de variância e então aplicar o teste HSD de Tukey, e então os testes de comparações múltiplas são interpretados e por último as diferenças dos grupos são observadas em sua forma gráfica, todas as quais são mostradas abaixo:

A matriz de dados mostra 5 grupos que correspondem aos estudantes do primeiro, segundo, terceiro, quarto ano e profissionais de enfermagem; a variável do estudo é o nível de medo da morte para um total de 643 participantes.

Ao descrever as médias aritméticas dos grupos (1º, 2º, 3º, 4º ano da escola de enfermagem e profissionais de enfermagem), foi observado que eles são estatisticamente diferentes, $p=,17$. O teste

HSD de Tukey indica que os grupos do segundo ano, terceiro ano, quarto ano e profissionais de enfermagem são homogêneos, ou seja, não existem diferenças significativas ($p=,79$). (Tabela 3).

Tabela 3 - Subconjuntos homogêneos HSD de Tukey, Puebla, México, 2013.

Nível Acadêmico	N	Subconjunto para alfa = 0,5	
		1	2
Primeiro Ano *	28	2,89794	
Segundo Ano†	28		3,32554
Terceiro Ano‡	28		3,34943
Quarto Ano§	28		3,20863
Profissionais de Enfermagem	28		3,18857
Sig.		1,000	0,79

*Primeiro Ano (Semestres 1 e 2)

†Segundo Ano (Semestres 3 e 4)

‡Terceiro Ano (Semestres 5 e 6)

§Quarto Ano (Semestres 7 e 8)

|| Profissionais de Enfermagem.

No teste de comparação múltipla (Tabela 4), há significância estatística nos estudantes do 1º, 2º e 3º ano ($p < ,05$). Por outro lado, os estudantes do 4º ano e profissionais não mostram diferenças significativas ($p > ,05$).

Na Figura 1, pode ser observado que a média dos estudantes do primeiro ano não está no nível de nenhum intervalo de confiança dos estudantes do 2º, 3º, 4º ano e profissionais de enfermagem. Identifica-se que as médias entre os estudantes do 2º e 3º ano são praticamente iguais e não diferem estatisticamente; por outro lado, as médias dos estudantes do 4º ano e os profissionais de enfermagem se sobrepõem e não mostram diferenças estatisticamente significativas em relação aos estudantes do 1º ano.

Tabela 4 - Comparações múltiplas HSD de Tukey, Puebla, México, 2013

(I) Nível Acadêmico	(J) Nível Acadêmico	Diferença de médias (I-J)	Erro padrão	Sig.	Intervalo de confiança a 50%	
					Limite inferior	Limite superior
Primeiro Ano*	Segundo Ano†	-0,427597	0,143633	0,028	-0,65741	-0,19778
	Terceiro Ano‡	-0,451490	0,143633	0,017	-0,68130	-0,22167
	Quarto Ano§	-0,310691	0,143633	0,200	-0,54051	-0,08088
	Profissionais de Enfermagem	-0,290629	0,143633	0,260	-0,52044	-0,06081

*Primeiro Ano (Semestres 1 e 2)

†Segundo Ano (Semestres 3 e 4)

‡Terceiro Ano (Semestres 5 e 6)

§Quarto Ano (Semestres 7 e 8)

|| Profissionais de Enfermagem.

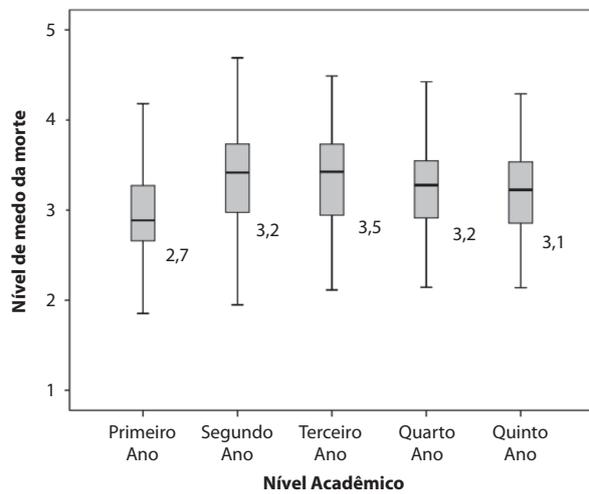


Figura 1 - Diagrama de caixa e bigodes para os cinco grupos

Discussão

Partindo do pressuposto que a formação acadêmica e a experiência na prática hospitalar determinariam um maior medo da morte em estudantes em comparação a profissionais, os resultados estatísticos rejeitam a hipótese, dado que os achados demonstram que os estudantes de enfermagem no primeiro ano não temem a morte em comparação a outras classes. Possivelmente, esse resultado se deve ao fato que eles ainda não têm experiência clínica, suas experiências práticas não são na terapia intensiva, medicina de emergência ou com pacientes em fase terminal; em contraste, estudantes de enfermagem do segundo e do terceiro ano têm pontuações de medo da morte mais altas.

No entanto, observa-se que conforme avança o nível de estudos até alcançar o nível profissional, o nível de medo da morte vai diminuindo a partir do quarto ano, e a tendência parece terminar como começou (primeiro ano vs. profissionais). Nesse grupo de participantes, considera-se que a razão da semelhança da tendência entre os grupos extremos é diferente, dado que é possível que conforme o tempo passe, a experiência profissional indique práticas de cuidados paliativos ao paciente em estágio terminal e pessoas que por algum acidente ou doença tenham falecido; assim, adquire-se maior confiança e o medo da morte diminui como mostram os estudantes de enfermagem do quarto ano e os profissionais de enfermagem. Explicar esse resultado poderia gerar novas hipóteses: primeiro, é possível que tenham adquirido competências para enfrentar essas situações diante da morte de outros, ou segundo, que simplesmente é uma rotina e não importa o que está

sendo presenciado diante de um paciente em estágio terminal.

Os níveis de medo da morte em geral não são diferentes dos resultados de outros autores⁽³⁻⁸⁾. No entanto, nesses participantes, não é tanto o medo da morte que os preocupa, mas sim o medo da morte de outros (pacientes e família), o que inclui a perda de uma pessoa querida, ter de ver um cadáver, lamentar não ter sido melhor com a pessoa quando ela ainda estava viva e sentir-se culpado pelo alívio provocado por sua morte. Por um lado, pode-se interpretar que no estudante de enfermagem, a maior dificuldade ocorre no desenvolvimento do processo de luto que gera a perda de um membro da família ou de um paciente. Por outro lado, no contexto hospitalar, a perda de um paciente gera uma ansiedade superior, dado que há um preâmbulo do acompanhamento e do cuidado do paciente moribundo, que é um cuidado específico de enfermagem para pacientes em fase terminal, para o qual a maioria dos estudantes não foi preparada ainda, mas é questionado se nos profissionais, apesar de alguma experiência vivida, essas situações ainda geram medo.

Os resultados desta investigação devem ser considerados com algumas reservas pelos seguintes motivos: Apesar de ser uma amostra previamente calculada, ela é considerada pequena e não se deve generalizar os achados para outras populações. No entanto, dado o rigor metodológico com que foi conduzida esta investigação, os resultados podem ser considerados confiáveis. Recomenda-se conhecer a percepção de medo da morte em profissionais de enfermagem de outros níveis de atenção à saúde, determinando o nível acadêmico e os anos de experiência para avaliar se a tendência que foi demonstrada neste trabalho é obtida.

Conclusões

Pode-se concluir que quanto menor o nível acadêmico ou maior a experiência clínica, menor o medo da morte; para os estudantes que têm entre dois e três anos de estudo, a percepção do medo da morte é mais alta quando comparada a grupos extremos; os estudantes e profissionais de enfermagem mostram maior medo da morte de outros e os estudantes e profissionais de enfermagem têm menos medo da própria morte; a Escala de Medo da Morte Collett-Lester (EMMCL), na versão adaptada para o espanhol, permite estudar o nível de medo da morte na população mexicana.

Referências

1. Aguinaga B. Enfermería, muerte y duelo: Un teto de reflexión académica. Editorial Universidad Nacional de Colombia. Bogotá; 2010
2. Paz O. El Laberinto de la Soledad. México: Editorial Fondo de Cultura Económica; 2008.
3. Sábado T, Limonero J, y Abdel-Khalek A. Spanish adaptation of the Collett Lester fear of death scale. *Rev Death Stud.* 2007;31-60.
4. Gual M, Sábado J, Aradilla A. Miedo a la muerte en estudiantes de enfermería. *Rev Enferm Clín.* 2011;16:177-88.
5. Polit B. Investigación Científica en Ciencias de la Salud. 6.ed. México: Editorial Mc Graw Hill Internacional; 2011.
6. Ley General de la Salud en Materia de Investigación para la salud 1987, revisión 2013. Disponible em: <http://www.salud.gob.mx/unidades/cdi/nom/compi/rlgsmis.html>. Acesso: 12 out 2013.
7. Limonero T, Sábado J, Fernández J, Cladellas R, Gómez J. Competencia personal percibida y ansiedad ante la muerte en estudiantes de enfermería. *Ansiedad y estrés. Rev Invest Salud.* 2010;16:28-36.
8. Espinoza V. Maritza, Sanhueza A. Olivia. Miedo a la muerte y su relación con la inteligencia emocional de estudiantes de enfermería de Concepción. *Acta Paul Enferm.* 2012;25(4):607-13.